

Trilhas da vida pesqueira e a rua da cruz: conversas entre pescadores e escolas.

Nome: Verônica Gomes de Aquino

Afiliação: Escola Municipal Vereador
João da Silva Bezerra.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias, trilhas, educação, pesca.

No ano de 2020, optei por ampliar a pesquisa, "Quando a ficção atravessa vidas pesqueiras", desenvolvida na Escola Ver. João da Silva Bezerra, localizada na Barra de Maricá. Práticas desenvolvidas por alunos, professores, profissionais e as famílias pertencentes à Barra de Maricá.

Neste sentido, os livros da cidade apresentam registros das famílias, das fazendas, das igrejas entre outros assuntos, porém não há registros, sobre o bairro Barra de Maricá e modos de viver de seus moradores. Essa falta de material escrito me fez adotar esse subtítulo. Nas conversas com moradores e trabalhadores do bairro pude obter outros caminhos para a pesquisa.

Os textos históricos ou literários quando trazem a história dos Bairros do litoral apresentam Itaipuaçu, Zacarias, Ponta Negra, Guaratiba como nos mostra Lambraki (2005) sobre a localização das colônias de pescadores: analisando os mapas comuns a todo litoral e especificamente a formação geológica e ambiental *é possível comprovar, que tanto em Zacarias como em Guaratiba, ainda existem núcleos de pescadores que vivem em casa modesta.*(p.150)

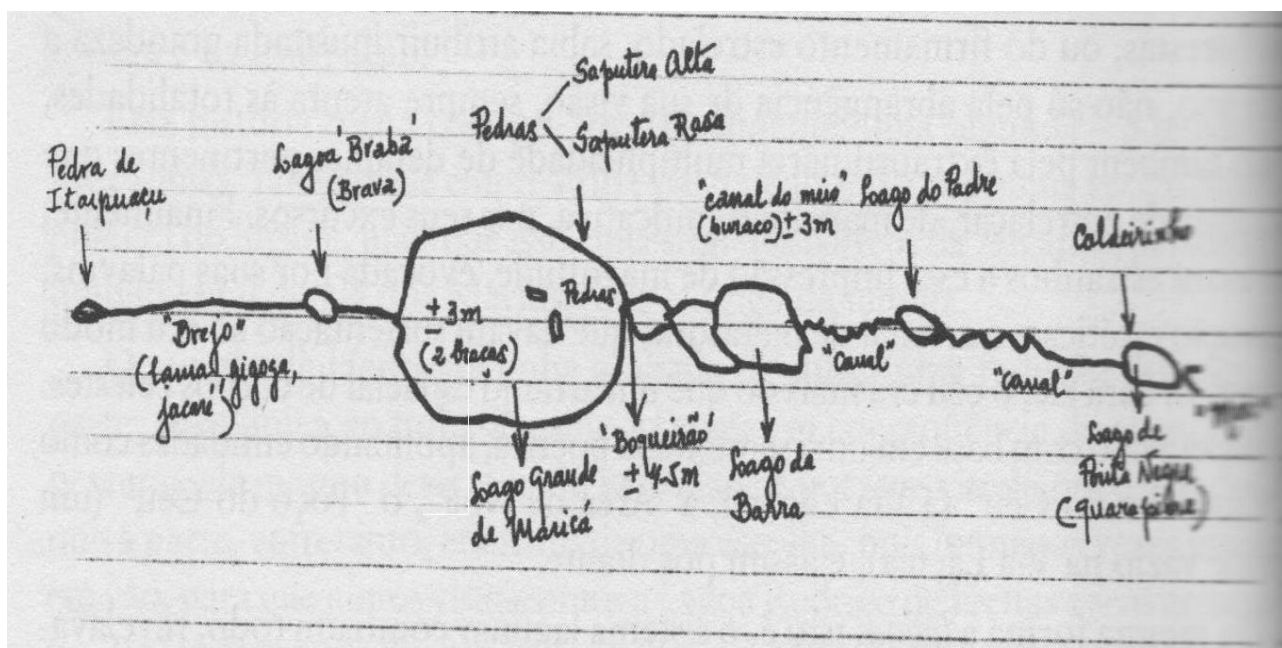
Buscando essas fontes conversei sobre a falta de informações sobre a Barra de Maricá com Eneida, educadora, que atuou na Escola Municipal Barra de Zacarias, localizada na Barra de Zacarias. Eneida então, me falou do livro 'Gente das Areias' (2005) de Mello e Vogel complementando a ideia com uma importante pesquisa sobre esta área do litoral. A obra acontece a partir da tese defendida em (1995) por Mello, com o título Praia de Zacarias. Contribuição à etnografia e história ambiental do litoral fluminense – Maricá/RJ. Estudando o texto pude ter acesso ao conhecimento que incorporo nesta pesquisa e encontrar novas pistas para conhecer um pouco mais o local em que o trabalho acontece.

1 "Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.";

Os autores apresentam a pesquisa e a história do litoral de Maricá, especificamente da Barra de Zacarias, onde aconteceram vários conflitos sobre as questões territoriais e políticas. Selecionou neste livro temas de grande importância para a compreensão sobre a Barra de Zacarias e seu entorno, fazendo parte desta geografia a Barra de Maricá local de nossa pesquisa.

Mello e Vogel (2005) trabalham com quatro temas, sendo eles *a pesca, a lagoa, a barra e a Companhia*. Ouvindo narrativas de pescadores e moradores os pesquisadores foram remontando o passado que se apresentava bem recente na fala de um pescador. *Henrique pescador mais velho e prestigioso envolvido em todas as dinâmicas da pesca* foi o maior contribuinte das informações na pesquisa desenvolvida em Barra de Zacarias.

Henrique falava das coisas deste seu mundo com encantamento, narrativas sobre a pesca lacustre, ou seja, pesca que acontece sobre ou nas margens da lagoa, esse tema na fala do pescador ficou recheado dos saberes do mundo e para compreendermos um pouco mais do que se trata é necessário à visualização do *espaçotempo* lagunar. Encontro assim, dois mapas que podem esclarecer um pouco mais o local para que esteja elaborando esse texto. Nos mapas podemos localizar a lagoa da Barra de Maricá, que marca o local do bairro com o mesmo nome. Os vizinhos através da descrição do litoral são a direita Barra de Zacarias e a esquerda Guaratiba. O primeiro mapa foi elaborado em caderno de campo do pesquisador, pelo pescador Henrique Poeira, que se propôs a apresentar através do desenho detalhado o sistema lagunar de Maricá e os modos de pesca.



¹ Mapa do sistema lagunar de Maricá feito por Henrique 'Poeira' com anotações etnográficas. (Fonte

Os conhecimentos propostos neste artefato vão além do que sabemos da *pesca artesanal*, geografia, história, biologia, astronomia, artes, entre outras áreas, aparecem através de detalhes no desenho e na narrativa do pescador. Saberes tecidos durante anos e que não podem ser vistos por quem acaba de chegar à vila são percebidos na cartografia proposta através de um rápido desenho do sistema lagunar para o etnógrafo. Mestre Henrique, o pescador mais velho, narrou ao etnógrafo como

conhecia a fundo a lagoa, isto é, o sistema lagunar como um todo, releva-se, em toda sua riqueza e complexa diversidade. Ele dominava uma extensa toponímia de parias, portos, sacos, coroas, pontas, canais e pedras. Conhecia o fundo da lagoa, isto é, sabia, além das profundidades propriamente ditas, a configuração e a natureza das áreas submersas; se o era chão de lama, cascalho, areia; limpo ou sujo. Neste último caso, conhecia o tipo de vegetação do fundo, os “lixos” do fundo, como dizem os pescadores-lixo *roseta*, *lixo capim*, *lixo peteque*, *lixo de limo*, *lixo de algodão verde*, *lixo de camarão*- formando gigantescos canteiros subaquáticos. (p.37/38)

Os pesquisadores seguem relatando detalhadamente os conhecimentos que Henrique desfiava em suas narrativas e registram em notas os nomes científicos de cada planta encontrada e nomeada por Poeira. Recordo então, quantas vezes conversando sobre o que pensava ser uma lagoa, de ser alertada de que não havia ‘a lagoa’ e sim um *sistema lagunar* complexo, com uma diversidade de vegetação, solo, peixes, pontas como fui conhecendo na pesquisa de Mello e Vogel (2005).

Outro tema abordado por Mello e Vogel (2005) foi à empresa portuguesa Companhia que apresentou um grande projeto imobiliário para a Barra de Zacarias, Barra de Maricá e seus entornos. O projeto que ameaçava a população local provocou parte das lutas pela terra e pela continuidade dos modos de viver dos moradores destas vilas. Descrevendo os detalhes que se apresentam nos cotidianos, os pesquisadores registram os movimentos de aprendizagem entre os homens, a terra e as casas centenárias, que observadas revelavam histórias.

O etnógrafo foi assim, aprendendo a ver o que se revelou através das ações do pescador Henrique e todos que pertenciam ao local. Cuidar da terra foi o foco apresentado pelo pescador após algumas conversas com o pesquisador. Assim, a Barra de Zacarias e Barra de Maricá, na década de 40 pertencia ao português, Lúcio Tomé Feitera, dono da *Companhia* e único proprietário de todas as praias do Município. As atividades pertencentes ao empresário geralmente aconteciam de forma traidora e usurpadora segundo os moradores locais.

A Companhia um dos temas tratados na pesquisa sendo uma grande ameaça aos habitantes de Zacarias, como também da Barra de Maricá. A moradia dos pescadores estava ameaçada pelo grande projeto empreendedor de São Bento da Lagoa. Pescadores sofriam com grandes ameaças feitas pelos peões enviados por parte do dono da terra.

Assim, um dia um homem chega de barco bem de mansinho e acompanhado e analisa o território de Zacarias, conversa com o pescador sobre as terras e pareciam ser representantes da Companhia. A preocupação do pescador Henrique cresceu ao perceber que a conversa com o *forasteiro* poderia oferecer riscos a vila de pescadores.

As narrativas bem exploradas mostram a magoa, o rancor e os sentimentos de incapacidade ao saber que aquele lugar estaria sendo invadido e destruído por homens que desconheciam a história e cultura local. O drama das famílias do litoral maricaense agrava-se com relação à exploração imobiliária após a inauguração no ano de 1973 da Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), que viabilizou a chegada de muitos turistas, e com eles, as proposta de loteamento das fazendas e pequenos lugarejos, como aconteceu em Barra de Zacarias e Barra de Maricá.

Mello e Vogel (2005) relatam três cenas que marcam os momentos de angustia vividos naquele na vila. A primeira nomeia como '*Zacarias sitiada*' narrando o drama social vivido por moradores e o envolvimento do etnógrafo nas situações cotidianas exigindo do mesmo uma *tomada de posição* enquanto documenta, organiza e sistematiza '*dados*' que envolvam o seu trabalho de campo e a sua pesquisa.

O segundo momento, decido por transcrevê-lo como modo de entendimento do que, ainda hoje, em outros moldes volta a acontecer com máquinas de terraplanagem e demolições que são vistas em diferentes áreas desta cidade o que faz parte do cotidiano de muitos moradores. Mello e Vogel (2005) descrevem a narrativa feita por Henrique que nomeiam ser a *cena do trator*

à direita de quem chegava, o assentamento de Zacarias era delimitado por um morro. Junto ao mesmo via-se trabalhar uma máquina de terraplanagem. As escaras nos flancos eram acentuadas pela cor vermelha do barro. A máquina subia e descia a encosta. No seu trabalho de desmonte ia cobrindo, com uma mistura de barro, um pedaço da restinga. Quando descia na direção da aldeia de pescadores, avançava ameaçadoramente sobre uma casa. Diante desta, uma mulher de meia-idade permanecia de pé gesticulando. Suas palavras perdiam-se no fragor da máquina, que deixava cair sua pesada pá a poucos passos da soleira, onde a mulher tentava barra-lhe o caminho. O distanciar-se novamente, deixava a envolta numa nuvem avermelhada, que aos poucos, ia cobrindo as pitangueiras e tingindo as roupas do varal, para cúmulo da indignação da dona de casa. O *páthos* do confronto era levado ao máximo pela desproporção desse embate solitário entre fragilidade aparente da casa e da mulher e a ruidosa e ostensiva agressividade do trator. (p.162,163)

A terceira cena acontece 35 anos após a primeira conversa do pescador Henrique e o dono da terra, ou seja, o *forasteiro* já citado, que anunciou a compra das terras e ainda

elogiou a beleza do lugar. A pressão para que os pescadores e suas famílias abandonassem a terra foi crescendo e através de uma ordem judicial datada no ano de 1975 quando houve à derrubada da primeira casa da vila como descrito acima.

As consequências destes processos de desapropriação de terras estão presentes na tese ao trazermos durante a escrita, as falas e ações desenvolvidas pelos pescadores (moradores) envolvidos nas *conversas*. A desapropriação quase sempre foi acompanhada por ações violentas, por parte de loteadores ao retirarem os moradores de suas moradias inúmeras vezes apoiados pela polícia e o poder judiciário. Mello e Vogel (2005) ao descreverem

como era possível que alguém, dono de tanta terra, quisesse justo aquele pedacinho em que vivem? Não podia fazer seu empreendimento em outro lugar, onde não morasse ninguém? O que era feito da promessa, da palavra? Como poderia tudo isso valer o mesmo que nada? Não tinham vivido ali os pais, os avós, e os pais e avós destes? E, por acaso, não estavam enterrados ali os seus próprios umbigos, os de seus filhos e dos seus netos? Mas não! [...] Briga feia, não só com a Companhia, mas com todos os outros. A situação estava cada vez pior. Agora queriam obrigá-los a morar 'naquelas casas lá de cima, que não tem nem porto'! (p. 165)

A esse fato os autores descrevem o drama vivido por uma comunidade de pesca, o drama social, acontece quando a existência de um grupo é colocada em risco, o grupo está ameaçado em sua continuidade. Podem chegar ao ponto de serem privados de suas casas e de suas terras. O território passa a ser ocupado por grupos rivais causando aos moradores locais uma *descontinuidade no tempo* que pode ser também uma possível *descontinuidade no espaço*.

O assédio da Companhia causou sim o rompimento do grupo de pescadores. Alguns cederam às propostas e venderam suas casas, havendo ainda um racha, uma divergência de pensamentos entre os próprios pescadores. Aqueles que cederam deixaram de exercer sua função principal, a pesca, passando a trabalhar *de carteira assinada, como serventes, pedreiros, vigias ou até mesmo capatazes de obra*. (p.167)

Com tudo isso e após muitas lutas modificou-se a própria estrutura da vila de Zacarias como também a da Barra de Maricá inicia-se um novo mapa na história do litoral Maricaense. Pescadores ao racharem fracionaram o grupo em *os que venderam e os que lutaram*, nascendo assim, dois assentamentos diferenciados *no território e na oposição moral*. Os que venderam tiveram suas casas nomeadas como as *casas lá de cima*, distantes do mar, ou seja, *sem porto* já que haviam mudado de ofício.

Na Barra de Maricá/Divineia², muitos pescadores que continuaram lutando até que derrotados pela justiça tiveram suas terras desapropriadas e vendidas aos turistas. As

² Este pseudônimo Divineia foi adotado por uma parte da população e em 2014 reconhecido pela Prefeitura, após a

desapropriações e expansão imobiliária vem trazendo transtornos ao município e ao bairro, que ainda sofre pela falta de políticas públicas que suporte as mudanças ocorridas.

Percebemos dificuldades nas diversas áreas sociais, como por exemplo, na educação, saúde, saneamento, meio ambiente, entre outras. Os noticiários constantemente registram a mortandade de peixes no sistema lagunar, construções irregulares em áreas de conservação ambiental e de risco, enfim, problemas que existentes, também, em outros municípios do Estado do Rio de Janeiro, nos quais o poder público entra sempre de maneira precária.

ELES O QUE NÃO SABEM DE NÓS

Uma nova vila se formou na península, quando pescadores foram retirados do litoral, sendo colocados nas terras no canto da Divineia que é uma parte da Barra de Maricá. A geografia do bairro é mais difícil de ser entendida por falta de um mapa para aqueles que não conhecem a terra. Deste modo, estaremos descrevendo o local como uma península com três ruas de entrada, sendo dividida por uma linha imaginária composta pela praça Ana Ferreira, capela N^a S^a da Conceição e Escola Vereador João da Silva Bezerra que separa pescadores de forasteiros.

Entrando no local notamos como é descrito no texto de Mello e Vogel, dois assentamentos. O primeiro composto por casas novas construídas a frente e ao lado da praça, igreja e escola, sendo estas as casas dos forasteiros ou turistas, passando a praça, igreja e a escola, localizamos as casas dos pescadores e das famílias tradicionais que povoaram este pedaço da terra. Nas histórias que estamos registrando, o movimento de desapropriação ainda tem um sentido de desvalorização das subjetividades quando entendemos que pescadores e suas famílias são fazedores de conhecimentos recheados de saberes e culturas, de suas artes de fazer e viver suas vidas e sua vila. No livro de Mello e Vogel (2005) o bairro Barra de Maricá/Divineia ou a vila de pescadores, é conhecida como o local de abertura da barra.

Deste modo, para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa encontramos pouco material que traga o povoado da Barra de Maricá. Encontrar nos livros descrições sobre as famílias, algumas descritas em documentos municipais (livros, revistas, jornais etc.) Estudando a conclusão do livro de Mello e Vogel (2005) encontro um pouco mais sobre Barra de Maricá, que acredito ser uma pista dos pesquisadores para dar continuidade a outros estudiosos desvelar esse povoado. Encontramos referências aos *mestres da barra*.

gravação da novela Fogo sobre Terra, de Janete Clair, dirigida por Walter Avancini, gravada no ano de 1974 pela Rede Globo de televisão.

Segundo Mello e Vogel (2005) no povoado da Barra de Maricá, vivem pescadores experientes que projetaram os *riscados* para abertura do canal da Barra de Maricá. Os pesquisadores apontam que na visão dos moradores da Barra de Zacarias, no povoado dos *riscadores* encontravam-se vizinhos polêmicos e até arrogantes. Quem seriam esses mestres riscadores? Porque essa vila esteve à parte das questões do município?

Passo então, a desenvolver a pesquisa e a organizar saberes que perpassam desde a Escola até o bairro, casas, festas e o próprio nome Divineia incorporado pela vila após a exibição da novela Fogo sobre Terra. Atualmente na vila de pescadores pergunto sobre os *mestres riscadores* citados por Mello e Vogel (2005), desejando avançar na pesquisa. Percebo-me em campo, ou ainda, indo em busca de antigos pescadores, buscando pistas sobre esses homens ‘sem nomes’ e mestres da Barra de Maricá/Divineia.

Objetivando estudar as comunidades pesqueiras dos bairros além, da Barra de Maricá, amplio para Zacarias e Guaratiba. Analisando fotografias que fiz nos anos de 2018 e 2019, capturei a ideia que intitulei como: "Quando a gente das areias conversa com o livro "Gente das areias". Apresentei este trabalho na 32ª RBA 2020. Dando continuidade as reflexões desenvolvidas em 2020, elaborei um novo artigo que foi aprovado para apresentação no CIHELA 2021, na Universidade de Lisboa/ Portugal.

Após muitas conversas, junto à escola, fui tecendo novos fios metodológicos, que me levaram a descoberta da população tradicional deste litoral, ou seja, ao encontro das famílias que vivem da pesca por muitas décadas. Ao mesmo tempo que elaborava o mapeamento das famílias, conhecia os contextos de muitos saberes. Famílias, que durante muitos anos, lutam por seus direitos sociais. Pude ainda, saber através das narrativas dos diferentes sujeitos, a ficção produzida no ano de 1974, "Fogo sobre Terra", novela que produziu transformações sociais na comunidade.

O motivador para a existência da pesquisa surgiu a partir das imagens que fui conhecendo ao participar das ações cotidianas, em especial as imagens da novela gravada na Barra em 1974, *Fogo sobre Terra* no ano de 1974. Aprendo a magia da imagem que *tem o propósito de representar o mundo... de serem mapas do mundo* (Flusser, 2011, P. 23); viajo entre histórias e os modos de viver em Maricá.

A primeira narrativa, que uniu várias pessoas em uma roda na Escola foi a gravação da novela, “Fogo sobre terra”, no ano de 1974, pela TV Globo. Neste momento as redes da ficção se trançam nas redes pesqueiras das narrativas dos bairros.

A trama da novela Fogo sobre terra de Janete Clair, dirigida por Walter Avancini acontece no final dos anos 1950, em Mato Grosso, onde dois irmãos Pedro (Juca de Oliveira) e Diogo (Jardel Filho) foram separados na infância e se reencontram na condição de rivais ao decidirem o destino de uma cidade (Divineia³) e disputarem o amor de uma mulher. A trama conta ainda a luta de alguns moradores da cidade Divineia contra a construção de uma represa. A personagem Chica (Dina Sfat) representa um elemento de resistência à construção da represa e no último capítulo da novela, quando Divineia é inundada, Chica morre afogada em sua casa. O par romântico na figura de Bárbara (Regina Duarte) que vive seu amor com Pedro Azulão após vencer a cegueira.

As gravações aconteceram no município de Maricá, no Bairro Barra de Maricá e Zacarias, na fictícia cidade cenográfica Divineia, construída na colônia de pescadores da Barra de Maricá.



Imagem 1- Gravação na Barra de Maricá. Praia da Barra ao fundo. Fonte: Google.

Investigar conhecimentos que foram elaborados a partir da novela, nos permite buscar nas falas, imagens e textos, elementos para refletir junto aos moradores, alunos e profissionais da Escola, sobre as questões que, de alguma maneira, acabaram por influenciar a vida nos bairros.

Muitos moradores trabalharam como figurantes na novela, muitas crianças que assistiram à gravação das cenas e, sendo hoje adultos ou idosos, lembram sobretudo, do último capítulo da novela, quando as águas invadem a cidade fictícia Divineia.

³ Nome da cidade fictícia incorporado até a atualidade por alguns moradores e políticos.

Assim sendo, trabalhando com as histórias contadas por moradores que participaram como figurantes da novela “Fogo sobre terra”. Neste momento, nos foi possível ressaltar e apresentar algumas histórias, de como os habitantes locais, teceram suas histórias, ricas em detalhes.

As atitudes de alguns moradores ao falarem da novela, nos permitiu compreender conhecimentos tecidos pelos praticantes da Barra de Maricá/Divineia, que durante décadas, com elas, vão refazendo suas leituras de mundo (Freire, 1978).

Registrar as narrativas sobre a novela, junto à comunidade para discutirmos na Escola o direito que os moradores têm de conhecer e preservar e modificar, com suas bases culturais, as memórias de suas lutas e os contatos. A dignidade de viver e de serem quem são e quem desejam ser. Sejam eles moradores mais antigos (filhos e netos de pescadores) ou os mais jovens. Compreender os estudos sobre memórias como parte deste artigo.

Em uma das narrativas Nildea Reis Carrano, que em 1974, visitando a Barra de Maricá, assistiu à gravação de uma cena da novela onde:

- Bárbara (representada pela atriz Regina Duarte) é uma moça cega durante um grande período do romance. Bárbara recebe um milagre das águas do lago da Barra de Maricá próxima a Ilha Cardoso. A personagem entra no lago lavou o rosto. Ao abrir os olhos qual foi a surpresa? Barbara retomou a visão, e voltando a enxergar comemora tomando um banho e demonstrando toda sua felicidade. (Nildéia, 2005)

A gravação do capítulo, onde, a mocinha cega, milagrosamente volta a enxergar com a água do lago, foi incorporada ‘astutamente’ por alguns moradores, que vislumbraram na ficção, um modo de aumentar a renda doméstica e ganhar um “*dinheirinho*”. Moradores venderam a água da lagoa após o término da novela, como, um produto que realizava milagres. A cena da ficção se misturou realidade, e a história é recontando por pescadores quase todas as vezes que falam dos tempos da novela.

Lembranças do beijo apaixonado de Bárbara (Regina Duarte) e seu amor Pedro Azulão (Juca de Oliveira) embaixo da árvore centenária, oiti, espécie existente ainda no bairro e considerada um ‘patrimônio ambiental e cultural no bairro. Oralidade, que retoma elos e imagens de 1974 aos tempos atuais. Ecléa Bosi, em seus estudos, sobre memória, lembra que: o passado conservando-se no espírito de cada ser humano aflora à consciência na forma de imagem-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios. (BOSI 1994, p.54)

Conhecer as histórias dos habitantes desta localidade é entender que passado, presente e futuro estão, misturados nas vozes e memórias que estão presentes nas ‘conversas’ de Barra de Maricá/Divineia. Como nos lembra Williams (1989) ao escrever:

[...] conhecer os vestígios e aprender a interpretá-los só podia ser o começo da memória. Um prolongado esquecimento, dizia-se era a primeira condição da história; um descarte suficiente para que os detalhes essenciais pudessem ser lembrados. Naquelas montanhas, ocorrera de fato um prolongado esquecimento, mas de um tipo diferente. O que importava, em sua vida cotidiana, era a memória viva. Falar de história era mudar a dimensão. WILLIAMS 1989, p.23.

Os esquecimentos sobre os aprendizados cotidianos e as marcas deixadas na Barra de Maricá/Divineia são iniciados bem antes da gravação da novela no ano de 1973. Ao redescobrir a novela, trazendo algumas de suas as imagens, vestígios foram sendo apresentados por moradores e ex-alunos nas narrativas dentro e fora da Escola. Despertamos alguns ‘esquecimentos’ que nos levaram há períodos de grandes conflitos.

As memórias apresentadas nas narrativas demonstraram a transformação local, com as tantas lutas e mudanças que as famílias tiveram que fazer para manter e modificar suas casas e modos de viver, devido à expansão imobiliária ocorrida. Barra de Maricá um lugar cercado de muitas riquezas naturais. No relato da moradora Alda Soares da Costa, moradora hoje com 76 anos, ex-aluna da Escola e mãe das professoras Vanderlea da Silva Soares e Valdéa da Costa Soares, em uma de nossas conversas, nos explica como as terras da localidade foram loteadas na década de cinquenta:

[...] os lotes foram vendidos nos anos de cinquenta e pouco. Foi quando ganhamos o terreno da Igreja, da Escola e os moradores saíram de suas casas para morarem aqui, neste lado. Minha sogra (Juliana Alexandrina Pereira Soares) morava no Areal, do outro lado do lago da Barra, perto Ponta do Fundão, a família de meu marido (Arino Hernani Soares) também precisou sair da casa. Na parte de baixo do bairro, (antes da igreja) após o loteamento e a venda dos lotes, se inicia a construção das casas dos turistas. A outra parte, na mata do Barreiro, quando foram lotear para a venda dos lotes e a construção de um condomínio o Governador da época Leonel Brizola, após manifestações dos moradores, transformou o lugar em área de proteção ambiental e não construíram nada. Imaginem hoje, muitos teriam comprado um terreno grande revendido e a mata não existiria mais, como tem acontecido com as Fazendas de Maricá. Aqui ia ficar muito cheio e um lugar feio. (Alda, Barra de Maricá, novembro de 2012)

As narrativas acima, para Williams são “vestígios de mudanças. Se esses vestígios eram memórias, as diferenças de vida e de mudanças seriam igualmente marcantes”. (Williams, 1989, p.105). Barra de Maricá, ao ser narrada por moradores apresenta vestígios como a vida e as famílias foram fazendo o bairro. Assim, ao fim do relato de Alda, encontramos no portão sua cunhada, chamada Julia Soares (tia Julinha). Esta tia da professora Vanderlea, conta que nasceu

no Areal e cresceu vendo a pesca e as coisas acontecerem. Na ocasião, Julia falou sobre Fogo sobre terra, a novela:

[...] a casa grande em frente à Escola era o hotel de Frida, neste tempo tinham poucas casas. Ontem mesmo, meu filho colocou na internet, umas partes da novela que foi gravada aqui. A gente queria ver o lugar daquela época. Como era. Mas a internet não tem pouca coisa, parece que pegou fogo na Tv. Globo. Estávamos lá na casa da mamãe, quando a atriz Dina Sfat, desce de helicóptero. A Escola fazia parte da gravação. O hotel hospedava os atores. Moravam na Barra de Maricá alguns turistas. Depois eu casei e vim morar nesta casa. (Julia Soares Barra de Maricá, novembro de 2012)

Na Escola, utilizando os artefatos existentes, vivenciamos no laboratório de informática, a busca de cenas da novela “Fogo sobre terra”.

Assim, mais do que *viagens no olhar*, e somente no olhar, mergulhando com todos os sentidos (Alves, 2004) busco *as metamorfoses* nas narrativas e fotografias, detalhes que contam e recontam aquela que pensamos ser a mesma história e que permitem a criação de outras formas de aprender junto aos fatos e as imagens.



A Capela não faz parte da ficção. Em 2012 passou por reformas, perdendo algumas características originais que percebemos em algumas cenas da novela. A Santa que aparece na fotografia foi levada para ser restaurada e ao retornar havia mudado muito. Alguns moradores contam que a imagem foi trocada.

As imagens de outros santos da capela foram levadas pelo Padre Manoel que esteve responsável pela capela durante anos e não retornaram. Um grande São Jorge de madeira pertencente aos moradores que festejam o Santo ficou durante muito tempo guardado em um quarto da capela e também desapareceu. A história contada é a de que o Santo não poderia permanecer na capela por ser cultuado na umbanda e candomblé. Atualmente em 23 de abril dia de São Jorge acontece uma grande festa, feita por da comunidade.

AVANCINI: "UMA NOVELA MAS ATUAIS"

UMA VELHA CANÇÃO, UM NOVO SUCESSO

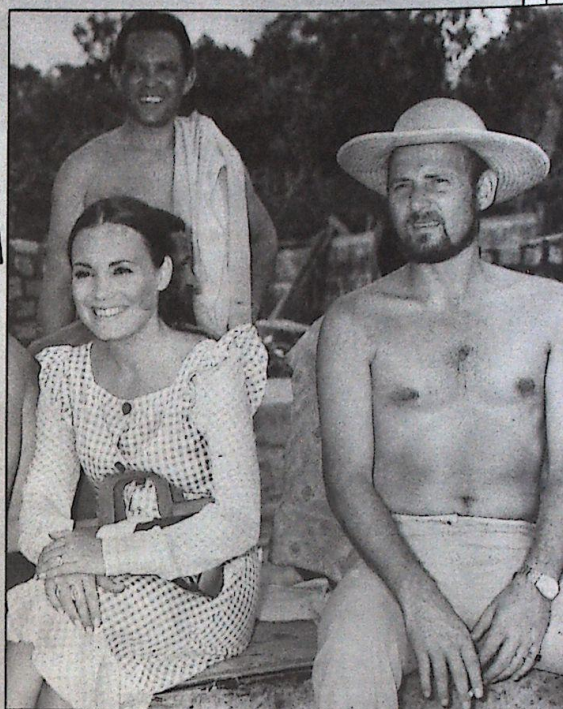


ASSIM como Selva da Pedra lançou Rock And Roll Lullaby, de B. J. Thomas, Fogo Sobre Terra marcou o estouro de Canção Para Ana, uma composição de André Pop lançada por Paul Mauriat em 72 e só agora descoberta. Quem conta isso é João Araújo, um dos principais responsáveis pelo êxito das novelas da Rede Globo e diretor da Sigla/Som Livre/Soma. Ele explica como foram escolhidas as músicas que compõem a trilha sonora de Fogo Sobre Terra. "Examinamos cuidadosamente a sinopse da novela e as características de cada personagem. As informações recolhidas são transmitidas para os compositores, todos do mais alto nível, pois a Globo faz questão de incluir nos discos os melhores autores nacionais, como Vinícius e Toquinho, Baden Powell e Paulo César Pinheiro, Antônio Carlos e Jocáti etc. Numa novela como Fogo, a primeira tendência era de gravar exclusivamente músicas brasileiras, mas, ao mesmo tempo, produzimos outro disco com temas de comunicação mais imediata como Seasons in The Sun, Daybreak e o consagrado Song For Ana, prevendo-nos contra possíveis variações na história. Na parte nacional, foram muito bem os temas de abertura, Uma Rosa em Minha Mão, tema de Dina Sfat, e Couro, tema de Juca de Oliveira. Ainda não temos os resultados finais, mas, nas primeiras pesquisas, 200 a 300 mil LPs haviam sido consumidos."

VÁLTER Avancini só teve elogios para a novela que dirigiu durante oito meses. "Fogo Sobre Terra foi o melhor trabalho já realizado por Janete Clair. Ela conseguiu um alto nível de criação em diversos personagens da história e abordou temas dos mais atuais como, por exemplo, o choque do estabelecido, violentado pelo avanço do progresso. De certa forma, significou voltar os olhos para 70% da vida desse país que ainda se desenvolve em termos rurais. Por outro lado, foi um dos convívios mais felizes com o elenco, que apresentou comportamento altamente profissionalizado. Sempre sou contra a apontar destaques individuais mas, desta vez, em Fogo Sobre Terra, seria algo incoerente deixar de tecer algumas considerações. Houve gente com personagens absolutamente felizes em sua criação, dando-lhes coloração especial. Houve outros de menor comunicação com o público, não por defeito ou erro da autora, mas sim por um tipo de comportamento que nem sempre é o mais popular. É o caso de Regina Duarte com Bárbara, uma composição brilhante da mais profissional de nossas estrelas. Entre outras dificuldades, Regina arcou com o ônus da ausência de características fáceis. Até certo ponto, foi saudável a controvérsia sobre Regina no início da novela."

TODOS viram que foi tentada a fuga de uma padronização de personagem mas, em dado instante da novela, a rebelde Bárbara teve de ser transformada na doce Bárbara. Para sobreviver a esse tipo de limitação, só mesmo sendo uma grande atriz. Juca de Oliveira, que nunca esteve tão bem em televisão, encontra-se há algum tempo no melhor estágio de sua carreira. A maravilhosa Dina Sfat mereceu o benedito de interpretar uma personagem que é uma das mais felizes criações para novelas de todos os tempos. Jardel Filho teve um trabalho dos mais árduos, interpretando um personagem de natureza instável. Em relação a rendimentos anteriores, Jardel mostrou grande progresso. Do elenco de apoio: Fúlvio Stefanini fez o seu melhor papel em televisão; Neusa Amaral comportou-se à altura de uma primeira atriz; Sônia Braga fez um trabalho sério que muito vai lhe acrescentar à carreira. Significativo também é o fato de Marcos Paulo ter tentado romper com um esquema predeterminado. Sem falar na menina Françoise Fourton, cujo investimento compensou tanto que terá um dos principais papéis em Cucca Legal." Gonzaga Blota, que, a pedido de Avancini, dirigiu a novela do capítulo 142 ao 185, ficando depois como diretor assistente, viu Fogo assim: "Houve duas novelas, uma que Janete escreveu, outra que foi para o ar e que não hallo em comparar a um Vidas Secas, de Graciliano Ramos."

SEQUE



Avancini e Regina Duarte: para o diretor de Fogo Sobre Terra, Regina fez de Bárbara uma composição brilhante, embora tenha enfrentado grandes dificuldades com o papel.



Herval Rossano e Françoise Fourton em uma cena de Fogo, a novela que Gonzaga Blota dirigiu durante mais de cinquenta capítulos e elogiou muito, comparando-a a alguns dos mais famosos romances da literatura brasileira. Gonzaga Blota destacou, entre outras, as atuações de Juca e Dina Sfat.

A fotografia ao ar livre apresenta o Barreiro um pedaço da Barra de Maricá/Divineia que é muito conhecido e visitado por moradores. As narrativas sobre esse lugar se repetem na rua e na Escola, quando durante as

aulas os alunos apresentam e convidam os professores a visitarem o local. Durante as caminhadas, as conversas revelam histórias do lugarejo, das pessoas, a cartografia entre outros conhecimentos que tecem os nossos currículos na escola. Muitos educadores (professores, inspetores etc.) desconhecem esses caminhos, que são compostos ainda por história de lutas ambientais.

O Barreiro foi alvo na década de 70 e 80 de construtoras que pretendiam plantar um grande condomínio dentro desse pedaço da Mata Atlântica. Após a intervenção de moradores e participantes da SAPLAM (Sociedade de Amigos das Praias e Lagoas de Maricá), que segundo, Lambraki (2005), é uma das mais antigas ONGs ambientais do Rio de Janeiro, *sem fins lucrativos e até então a que mais vitórias obteve. (p.24)* a construção foi suspensa quando no ano de 1984, com a implantação do *Ato de Criação em 23 de abril por Leonel Brizola, governador neste período, garantindo a mais completa salubridade da região. (Lambraki, 2005, p.36).* A vitória da SAMPLA e moradores, em prol do Ecossistema da Barra de Maricá e todo o sistema Lagunar. Na atualidade, encontramos no Barreiro alguns caminhos abertos em 1984, por máquinas e nestes trinta anos a Mata Atlântica se renovou e preencheu estes caminhos.

A luta contra a desapropriação das terras desenvolvida pela SAPLAM e moradores, também é trazida pela imagem da novela. O tema fictício que fala da desapropriação de terras *por um desenvolvimento em prol do progresso*, apresenta os conflitos por terras em Maricá neste período.

Enredando as histórias e as pesquisas, não podemos deixar de trazer a pesquisa de Mello e Vogel (2004), desenvolvida nos anos 75 a 90, que ampliou os debates sobre os conflitos pelas terras, entre pescadores e empreendedores, descritos no livro 'Gente das Areias'.

Atualmente em nossas conversas no dentro da Escola, fomos informados que uma das participantes da SAPLAM, retornou à Maricá, sendo ela, a bióloga, Rute Viotti Saldanha, filha do jornalista João Saldanha, que morou na Barra de Maricá durante muitos anos. Rute Saldanha é a convidada no mês de maio de 2014, a conversar na Escola em nosso Projeto Leitura ao Por do Sol com alunos e professores sobre o Ecossistema da Barra de Maricá e suas histórias de moradora que protege sua terra.

Ao revisitar a novela e suas imagens revivemos a história e identificamos alguns patrimônios de nosso bairro. Nos lugares mais comuns elas, as conversas acontecem, e assim, em um churrasco de domingo quando comemorávamos o aniversário de Vanderléa⁴, soubemos que próximo ao Barreiro, existe um "poço de pedra" construído por escravos. O Poço ainda não apareceu nas histórias da Cidade de Maricá, sendo essa uma importante parte da história do bairro. Ressaltamos assim, a importância das imagens enquanto personagens conceituais e as conversas enquanto metodologia de pesquisa, em nossas pesquisas cotidianas para que conhecimentos sejam tecidos, assim como nossos os conhecidos e preservados em suas raízes.

Continuando a conversa, soubemos ainda das ruínas de uma grande casa próxima ao poço de pedra, casa que abrigou uma das famílias mais antigas do bairro. A conversa de domingo, será prolongada com a visita ao local do poço por moradores, alunos e profissionais da Escola fazendo parte, da pesquisa sobre Maricá e o bairro.

Neste exercício de ir além do olhar, penso no que (Certeau, 2004) aponta sobre as formas de consumo que desenvolvemos com *a leitura (das imagens ou do texto)* ... que parece apresentar o ponto máximo da passividade que caracteriza o consumidor (p.48). Usando a palavra '*parece*', o autor demonstra a potência de quem está consumindo

⁴ Moradora da Barra de Maricá, bióloga, ex-aluna da Escola, neta e bisneta de ex-alunos e atualmente *professorapesquisadora* da João Bezerra.

histórias, imagens e textos. Potência de criações e reapropriação de *astúcias, metáforas...* ou ainda a *invenção da memória* que habita à Escola, casas, ruas e vidas.

Buscando descrever as conversas das famílias de pescadores das comunidades tradicionais, dialogando com livro Gente das áreas, trabalhos de campo, documentos, vejo surgir em nossas conversas mediante a realidade pandêmica, outros temas e preocupações entre nossos interlocutores pescadores.

Busco então, escutar os vivos e em suas falas capturar as lembranças dos mortos. Assim, as narrativas no ano de 2021 entre nós, trouxeram um novo elemento para a pesquisa. Quando perguntamos sobre o assunto, identificamos o lugar do suposto cemitério e as algumas histórias, como a de que chegavam de outros bairros mortos enrolados em lençóis e que eram enterrados em covas rasas. Lugar atualmente conhecido como a “rua da cruz” e que, Pedro pescador com seus completos 91 anos, afirmou em uma de suas últimas entrevistas quando registrou e documentou o conhecimento, antes de sua morte em 20 de fevereiro de 2022. O lugar entre os pescadores que parece guardar o segredo do litoral de Maricá no período da gripe espanhola, faz surgir entre os bairros da Barra de Maricá e Guaratiba esse novo caminho etnográfico entre escolas, pescadores e comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AQUINO, Verônica Gomes de: *Escola Divineia: Diálogos e patrimônios*. Projeto de Doutorado, UERJ, 2010.

BAGNO, Marcos- *Pesquisa na Escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

BARROS, Manoel de – *Memórias Inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil , 2008.

BRUM, Cezar. *Contando a história de Maricá*. Maricá, RJ: GBN Designers, 2004.

BARBIER, R. : *A escuta sensível em educação*. ANPED, 13ª Reunião Anual . Caxambu, 15 a 19 de outubro, 1992.

_____. *Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 11ª ed., 2004.

CAMPOS, Ana Paula- *A Cidade na Televisão: TV Barra Leste leva para a telinha o jeito de ser e os problemas dos moradores de Maricá*. Revista Municípios, nº 53-maio de 1996, p.25, Maricá. RJ

CERTEAU, Michel de: *A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. & FAUNDEZ, A.: *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1985.

FILHO, JoãoFreire- *A TV, os Intelectuais e as Massas no Brasil (1950-1980)*

www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/266/151
<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/266/151>

LEBENSZTAYN, Ieda e SALLA Thiago Mio- *Conversas com Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LAMBRAKI, Alexandra. *Compêndios da história de Maricá*. Rio de Janeiro: Cop Editora, 2005.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. *Gente das Areias: história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro, Maricá; Rj.1975 a 1995*. Niterói: EDUFF, 2004.

A TV Pioneira do Brasil – A História da Tupi. Disponível em

<http://www.saopauloinfoco.com.br/tv-tupi/>. Acesso em 16. out.2017.

Censura impediu a morte de herói de fogo sobre terra- Disponível em

<http://www.televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/20/censura-impediu-morte-de-heroi-de-fogo-sobre-terra-para-que-ele-nao-virasse-martir.htm>. Acesso em 30.out.2017

Djavan: Serrado Praça da Barra de Maricá. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=YyQ5md022f0>. 1979. Acesso em 06.nov.2017.